

## RITUAIS DE SANGUE NA QUIMBANDA: DIÁLOGOS ENTRE MEMÓRIAS, PEDAGOGIAS CULTURAIS E PRODUÇÃO DE CORPOREIDADES

RODRIGO LEMOS SOARES<sup>1</sup>;  
DENISE MARCOS BUSSOLETTI<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – FAE/PPGE - guidodanca@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – FAE/PPGE - denisebussoletti@gmail.com*

### 1. ORÁCULO...

Ao tratar de religiosidades de matriz africana, ao discutir seus entendimentos, pedagogizo, no sentido de uma educação de pensamentos que desnaturalizem ritos dessa vertente religiosa e dentre eles os de sangue. A problemática pode ser colocada em termos das capacidades dos humanos de criarem novos valores à mercê de toda a massificação, todo o controle, toda a miséria da lógica “capitalística” (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Nessa direção, busco uma formação que me leve ao encontro aos saberes populares (CASCUDO, 2012), da valorização aos saberes passados por meio da oralidade, de um tipo de corporeidade que se transfere pela memória, um tipo de saber liberto das normatividades acadêmicas, mas rico de potencialidades. Essa escolha, expressa questões que tratam das minhas escolhas investigativas, em perceber no outro, alguém que me educa no curso das relações que estabeleço na procura “[...] justa por ideias e não necessariamente por ideias justas” (DELEUZE, 1992), apostando mais na potência do intuído e do comprometimento desse trabalho e menos nas crenças. Ademais a isso, destaco a possibilidade de outras interlocuções, tendo em vista, o fato de que é no campo que a pesquisa se mostrará em suas potências e fragilidades emergindo dessas relações as indicações de buscas a outros campos e saberes, preconizo encontros e aprendizagens com outros sujeitos e outras pedagogias (ARROYO, 2012). Estou em busca de um tipo de educação que resiste viva nas oralidades, nas culturas e saberes populares, expressados por meio das corporeidades.

### 2. SITUANDO O TERRENO E O TERREIRO... DELIMITANDO TEMA E APRESENTANDO A PROBLEMÁTICA INICIAL DE PESQUISA

Ao recordar os primeiros contatos com a Quimbanda percebi o quão educado, docilizado fui pelas pessoas que lá estavam em suas devidas hierarquias. Desta forma, acredito que esta investigação me permitirá vivenciar experiências (no sentido Larrosiano). Parto então da premissa de que, para o desenvolvimento de um estudo, o objeto a ser investigado deve envolver o proponente, no sentido mais amplo que se possa imaginar, envolto nas suas histórias e experiências (LARROSA, 2002). Filiado a este pressuposto, viso à produção desta pesquisa com a certeza de que sou capturado pela pertença que tenho às religiosidades de matriz africana, em virtude de uma inquietude de pesquisador. Esta narrativa institui-se, então, enquanto fruto de um desejo acometido por alguns atravessamentos e, para expressá-los, recorro a Sandra Mara Corazza (2002) ao elucidar que “[...] falo de sentimentos. Para além das exigências cartoriais, penso que toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido” (CORAZZA, 2002, p.111).

Dessa forma, transformar os rituais de sangue em problema de pesquisa implica em “descolar-me” dos saberes, poderes e formas de subjetivação e colocar-me em experimentação (CORAZZA, 2002). Afirmo, contudo, que não busco construir a História dos corpos, mas direcionar olhares sobre como eles

são produzidos nestes locais. Alio-me a noção de saberes populares de Walter Benjamin (1985) e experiência de Larrosa (2002) ao afirmar que, para constituir experiências, as vivências devem nos tocar. Acredito poder ver em narrativas como, no dia-a-dia, os sujeitos elaboram conhecimentos, valores, sentimentos, habilidades e relações interpessoais. Busco assim, encontrar narradores benjaminianos que intercambiam saberes e fazem uso da sabedoria das experiências para repassarem-nas à nova geração. Assim, interessa-me as concepções de narrativa e experiência de Walter Benjamin, atentando à possibilidade de compreender a não-linearidade dessas histórias que se transferem por meio dos corpos, de uma pedagogia das corporeidades específica dos terreiros de quimbanda, resistente nos saberes populares.

Interrogo-me então, de modo geral, sobre como estão sendo produzidas as relações destes centros com os corpos? Ademais, questiono, de que maneira estão sendo pedagogizados os corpos dos praticantes? Os saberes das experiências dos praticantes ao serem transmitidas como narrativas podem contribuir para a construção da memória de um grupo, para produção de identidades conferindo sentidos ao ensino e às aprendizagens? Enquanto viés educativo aponto um entendimento para além de espaços e processos assumidos como formais para as aprendizagens e assumo a Quimbanda como uma instância pedagógica. Apresento como problema de pesquisa a seguinte inquietação: Como os sujeitos são produzidos, a partir dos rituais de sangue em centros de Quimbanda na cidade do Rio Grande/ RS? Com isso, destaco enquanto objetivo geral investigar de que maneira as relações entre pedagogias culturais, produção dos corpos são desenvolvidas em centros de Quimbanda de Rio Grande/ RS, entendendo estes espaços como uma instância educacional.

Considero possível então lançar mão àquilo que Foucault (2005, p.11) pontua como “saberes sujeitados”, isto é, que estão a nossa volta, que foram construídos há longa data, mas que são ocultados, desqualificados e que por vezes, não entram na ordem do dizível, mas podem apresentar-se como uma potente ferramenta para/de discussão. Entendo que esse debate pode ser enfrentado através dos Estudos Culturais, enquanto metodologia, no que concerne ao estudo de populações urbanas e de um grupo dito minoritário.

### **3. MAS... O QUE PODE SER A QUIMBANDA MESMO?**

A Quimbanda tem sido tratada como espaço do mal – “à esquerda” (BARROS, 2007) por ser vinculada a magia negra e assim, oposta a Umbanda - que estaria à direita, porém alguns estudos, como o de Prandi (1996) caracterizam estas duas vertentes como complementares. Ademais, a Quimbanda é estudada com relações ao africanismo religioso, como mais uma ramificação das disseminações religiosas brasileiras (BARROS, 2007), sendo igualmente denominada de Macumba, ou linha cruzada - pelos desdobramentos e fusões com a Umbanda (CANCLINI, 2006). Dentre as características atribuídas a ela estão: a evidenciação aos Exus e Pomba giras<sup>1</sup>, os tratos com sacrifício de animais (SCHIAVO, 2007), fatores que a colocam em alguns estudos, como

---

<sup>1</sup> Segundo o sincretismo religioso os Exus são espíritos que já encarnaram na terra. Na sua maioria, viveram de modo a prejudicar seriamente sua evolução espiritual, sendo assim estes espíritos optaram por prosseguir sua evolução espiritual através da prática da caridade. Exu, termo originário do idioma Yorubá, da Nigéria, na África, divindade afro e que representa o vigor, a energia que gira em espiral. Já, as Pomba-Giras é corruptela do termo "Bombogira" que significa em Nagô, Exu. Dizem que Pomba-Gira é uma mulher da rua, uma prostituta. Pombo-Gira é um Exu Feminino ou Exu mulher.

espaço do profano (SANTOS, 2015) e do infame (FOUCAULT, 2006) chegando a ser postulada em um terceiro subplano, em uma pretensa hierarquia religiosa. Somado a isso, tem-se o pleiteamento de extinção da mesma em prol de um ideal de moralidade religioso (ORTIZ, 1999). Para me aproximar de tais assuntos de pesquisa, encontrarei a oralidade como possibilidade de resistência da cultura popular de matriz africana (BUSSOLETTI et. al. 2014). Considero o espaço das religiosidades afro como uma possibilidade de investigação, retomando Foucault (1997, p. 91) ao escrever que “[...] lá onde há poder há resistência [...]”. Compreendendo que o autor permite-nos não reproduzir e naturalizar fatos históricos referentes às religiões, mas evidenciar as articulações e jogos de poder para chegarmos a sermos aquilo que somos.

Em meio a estes apontamentos outro ponto que me incita a propor as indagações acima é o fato de que a Quimbanda se faz presente na comunidade riograndina (IBGE, 2010), tendo no ano de 2016 organizado uma Liga de terreiros de matriz africana, com 24 dirigentes e destes, 18 cultuarem a Quimbanda. Nesse sentido, sinto-me convidado a verificar as condições de emergência desse artefato cultural parte do complexo cultural brasileiro constituindo outras histórias científicas visto que contamos trajetórias com os corpos religiosos remetendo-os a posição de sujeitos brasileiros, descendentes de africanos. Outro rastro de intenção da pesquisa esta em perceber que “[...] o que importa é entendermos como chegamos a ser o que somos e, a partir daí, contestarmos aquilo que somos” (HENNING; HENNING, 2012) através das culturas que nos tocam.

### **RITUAIS PARA ESTUDAR OS RITOS... DESENHANDO INICIAÇÕES**

Como mencionei minha proposta não se pauta pela ideia de mostrar a História da pedagogização dos corpos nos terreiros de Quimbanda. Sendo assim, preconizo aprendizados que contemplam recortes históricos e signos de gestos/marcas de religiosidades de matriz africana, direcionando estes saberes a diferentes contextos e corpos. Para tanto, aponto que os centros de Quimbanda são campos educacionais pautados pela produção de narrativas e fontes orais. Produzo estes pensamentos utilizando-me de uma passagem de Connally e Clandinin (1995, p. 11) ao exporem que, “[...] nós - os seres humanos - somos organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas”. Indico este escrito por entender que a Investigação Narrativa e o campo dos Estudos Culturais são de grande auxílio no percurso da formação de professores e das pesquisas, em geral, ainda mais quando narramos histórias dos sujeitos – e porque não dizer, das nossas? - de particularidades em relação às práticas culturais, sobre corpos e suas/nossas provisoriiedades.

Narrar às experiências de si “[...] não é algo que se produza em um solilóquio, em um diálogo íntimo do eu consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, entre textos” (LARROSA, 1994, p. 70). E por este motivo, recorri as minhas memórias para compor esta proposta, já que elas são afetadas pelos comportamentos e ações das pessoas que frequentavam comigo aqueles espaços religiosos. A investigação narrativa propiciará uma produção de memórias, relacionando-a aos fazeres, que nos produzem enquanto sujeitos.

Coloco-me na retaguarda dessa produção para destacar e questionar verdades que são construídas pela Quimbanda e os sujeitos produzidos com e a partir de experiências ritualísticas. Entendo que não são saberes “naturais”, “desde sempre aí” (VEIGA-NETO, 2011), mas percebo-os como construções de uma época. E são essas edificações que me proponho a enfrentar ou como diria Foucault (2005), me disponho as “asperezas”, compreendendo as condições de possibilidade que ensejam a sua entrada na ordem do dizível. É a favor das

complexidades que coloco esta pesquisa, suas potências, seus limites e contingências, isso porque, ao tratar de sujeitos em construção e culturas em transformação esta proposta corresponde as minhas inquietações.

#### 4. GUIAS E GIRAS PERCORRIDAS:

- ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BARROS, S. C. A simbólica da violência e da transgressão no universo da quimbanda. **Caminhos**, Goiânia, v. 5, n. 1, pp. 107-127, jan./jun. 2007.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BUSSOLETTI, D. M.; VARGAS, V. de S.; PINHEIRO, C. G. Narrativas Populares: O Griô e a Arte de Contar Histórias. **Cadernos de Pesquisa**, v. 21, pp. 01-14, 2014.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2006.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro** - Edição Revista, Atualizada e Ilustrada. 12a ed. São Paulo: Global, 2012.
- CONNELLY, M. e CLANDININ, J. Relatos de Experiência e Investigação Narrativa. In: LARROSA, J. et. al., **Déjame que te Cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante de ferrolhos. In: COSTA, M. V. [Org.] **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação – 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. pp. 105 – 132.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: **Ditos e Escritos IV**: Estratégia poder- saber. [Trad.] RIBEIRO, V. L. A. R. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. pp. 203-222.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**: curso no Collége de France (1975-1976). [Trad.] GALVÃO, M. E. A. P. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. [Trad.] ALBUQUERQUE, M. T. C.; ALBUQUERQUE, J. A. G. Rio de Janeiro: Graal: 1997.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis. Vozes, 1986.
- HENNING, C. C.; HENNING, P. C. Sobre verdades inventadas e mentiras potentes: práticas de si como espaço de resistência. In.: HENNING, P. [Org.]. **Cultura, ambiente e sociedade**. Rio Grande: Universidade Federal de Rio Grande, 2012. pp. 09-32.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Boletim Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 01/ 09/ 2016.
- LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan-Fev-Mar-Abr. n 19.2002. pp. 20 – 28.
- LARROSA, J. B. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. [Org.]. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 35-86.
- ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense. 1999.
- PRANDI, R. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. In.: **Herdeiras do Axé**: sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo, Hucitec, 1996, pp. 139-164.
- SANTOS, J. S. O sagrado e a diferença negra em oração da cabra preta, de Bruno de Menezes. **Revista Ecos**, vol.18, Ano XII, nº 01. 2015. pp. 146 – 165.
- SCHIAVO, L. Religião e diversidade sociocultural. **Caminhos**, Goiânia, v. 5, n. 1, pp. 07- 12, jan./jun. 2007.
- VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2011.